

EXPERIÊNCIA SAGRADA DO POVO YE'KUANA SACRED EXPERIENCE OF THE YE'KUANA

Eleusa Socorro do Carmo Ferreira¹

Resumo: O povo Ye'kuana vive nos estados Amazonas e Bolívar localizados ao sul da Venezuela. Um pequeno grupo habita no Brasil, em Roraima. Os Ye'kuana vivem numa sociedade que não tem construções de templos. Por isso, não raras vezes são interpretados pelos ocidentais como um povo não religioso. O presente artigo busca compreender e evidenciar a experiência sagrada dos Ye'kuana a partir da análise de duas representações simbólicas: A *Ättä*, a casa comunitária, e a *A'daja*, a roça. A obra de Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano*, ajuda a compreender como eles podem conectar com o mundo do Ser Supremo *Wanadi* vivendo na Terra que está nas mãos de *Odosha*, opositor de *Wanadi*. Como recurso metodológico privilegia os anos de convivência que a autora tem com os Ye'kuana.

Palavras-chaves: Cajuña; Wanadi; Odosha; Ättä; A'daja.

Abstract: The Ye'kuana live in the state of Amazon and Bolivar in Venezuela. That situated in the South of this country, a small group lives in the State of Roraima, Brazil. The Ye'kuana live in at all does not have breeding's of churches. That is the reason why not very seldom they interpreted by the Occidentals as a non-religious people. The present script tries to understand and prove the sacred experience of the Ye'kuana, by means of two symbolical images: the *Ättä*, community house and *A'daja*, the backwoods. Mircea Eliade book, the sacred and the profane, helps to understand how they can connect with the world of the Supreme Being *Wanadi* living in the Earth that is in *Odosha* hand a *Wanadi* oppose. As a methodological resource the author privileges the years she lived together with the Ye'kuana.

Key Words: Cajuña; Wanadi; Odosha; Ättä; A'daja.

1) Introdução

Estamos diante de um grupo étnico que vê a criação como uma árvore invertida, ou seja, tudo que existe tem sua raiz pregada em *Cajuña* (Céu) porque tudo existiu primeiro lá. No Princípio só existia *Cajuña*, a Terra era uma extensão do Céu. Mas com o surgimento de *Odosha* que significa opositor ou inimigo; *Nono*, que quer dizer Terra perdeu a conexão com o Céu, agora está nas mãos de *Odosha*.

¹ Mestre em Ciências da Religião (PUC-SP). Missionária da Consolata. Vive na Venezuela entre o povo Ye'kuana desde 2001. Email: eleusasol@gmail.com.

A *Áttä*, casa comunitária, e *A'daja*, a roça são espaços sagrados onde não há separação entre o Céu e a Terra. Por isso, essas duas representações são vitais para os Ye'kuana porque lhes dão a possibilidade de viver na Terra que está nas mãos de *Odosha*. Este trabalho tem como objetivo compreender e evidenciar a experiência sagrada do povo Ye'kuana. Nossa hipótese é que mesmo não existindo construções de templos na sociedade Ye'kuana esse povo é profundamente religioso.

Para entender a visão que os Ye'kuana têm do mundo, e o modo deles viver nele, a nossa referência principal é *Wätunnä*, que é o conjunto de relatos míticos que narram a história da criação desse povo. *Wätunnä* é expressada nos ritos, nas relações entre eles e com os outros, no cotidiano, na fala das pessoas, enfim, na vida de cada Ye'kuana.

Apoiados na obra de Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano*, analisamos a relação entre *Áttä* e *Cajuña*, entre *A'daja* e *Cajuña*; ao mesmo tempo averiguamos o que significa para os Ye'kuana estar na *Áttä* e *A'daja*.

2) A Terra nas mãos de *Odosha*

Em uma das versões do mito da criação do povo Ye'kuana, mostra que o único mundo que existia era o Céu. Havia uma perfeita conexão entre céu e terra. A Terra era parte do Céu, a diferença é que na Terra não existia a criação.

Existia *Cajuña* (o céu). Os *cajuñana* (o povo do Céu) vivia lá, como agora. São pessoas boas e sábias. Assim eram também no princípio. Não morriam; não existia enfermidade, maldade nem guerra. O mundo inteiro era o Céu. No mais alto do Céu estava *Wanadi*, como agora. Dava sua luz ao povo *cajuñana*, iluminava tudo até embaixo, na Terra. Pelo poder dessa luz, o povo sempre estava alegre, tinha vida, não podia morrer. Não havia separação entre o céu e a terra. A Terra era como uma parte do Céu. Os *cajuñana* tinham em *Cajuña* muitas casas ou povoados e todos estavam iluminados. Na terra não vivia ninguém, só existia a Terra e nada mais (CIVRIEUX, 1992a, p. 41)².

Este mundo terrestre tal como vemos agora, com casas, selvas, cerrados, rios, animais, pessoas etc., são frutos do querer do Outro *Wanadi* que existe aqui embaixo na Terra, tudo que existe lá encima, no Céu. Por isso, ele enviou a *Seduje Ianadi* para reproduzir na Terra o que existe no Céu. “*Wanadi* disse: quero fazer gente lá embaixo. Enviou seu mensageiro, um damodede. Nasceu aqui para fazer casas e gente boa como no Céu. O primeiro *Wanadi* da terra se chamava *Seduje Ianadi*, o Inteligente” (FERREIRA, 2011a, p. 32).

² “Había *Cajuña* (el Cielo). Los *cajuñana* vivían allí, como ahora. Son hombres buenos y sabios. Así eran también en el principio. No se morían; no había enfermedad, maldad ni guerra. El mundo entero era el Cielo. En lo más alto del Cielo estaba *Wanadi*, como ahora. Daba su luz a la gente *cajuñana*, alumbraba todo, hasta en lo más bajo, la tierra. Por el poder de esa luz, la gente siempre estaba alegre, tenía vida, no podía morir. No había separación entre el Cielo y la Tierra. La Tierra era como una parte del Cielo. Los *cajuñana* tenían en *Cajuña* muchas casas o pueblos y todos estaban alumbrados. En la Tierra no vivía nadie, sino tierra nada más” (tradução da autora).

O primeiro enviado, *Seduje Ianadi* não teve sucesso na tarefa de reproduzir as coisas do Céu na Terra porque *Odosha*, o seu opositor, se fez dono dela e desfazia tudo que ele ia criando. *Seduje Ianadi* se cansou e voltou para o Céu, deixando as pessoas que conseguiu criar com *Odosha*, como animais. “Quando aquele espírito nasceu, cortou seu umbigo e enterrou a placenta. Quando apodreceu a placenta, *Odosha* saiu da terra com uma lança e disse: esta terra é minha. Agora haverá guerra. Expulsarei *Wanadi* daqui. Tudo que *Wanadi* ia fazendo *Odosha* estragava” (FERREIRA, 2011a, p. 32).

O surgimento de *Odosha* e a volta de *Seduje Ianadi* para o Céu significou a desconexão entre *Cajuña* (Céu) e *Nono* (Terra). A Terra já não era mais iluminada pela luz do Outro *Wanadi*. Porém, Este não se deu por vencido e enviou a *Nadei’umadi* (útero de *Wanadi*), com a tarefa de povoar a Terra com gente vinda do Céu. Mas como a Terra estava sob o poder de *Odosha*, ele também não conseguiu realizar sua missão. Por isso, voltou para o Céu. “Mais tarde o Outro *Wanadi* que nunca sai de *Cajuña* quis saber o que acontecia na terra e mandou um segundo *Wanadi*, um damodede chamado *Nadei’umadi*. *Wanadi* se cansou de *Odo’sha* e viu que não podia fazer nada na terra” (FERREIRA, 2011b, p.34).

Nadei’umadi não conseguiu povoar a Terra, que perdeu a conexão com o Céu. Porém, outro relato mostra que o Outro *Wanadi* não a esqueceu e enviou *Ättäwanadi* que significa fazedor de casas, para criar na terra e de qualquer modo conectá-la outra vez com o Céu.

Quando veio aquele homem, não havia luz. Os homens antigos viviam junto com *Odosha*. *Odosha* os fazia adoecer, os matava. *Ättäwanadi* foi enviado de *Kajuña* (Céu) para ver o que acontecia aqui na terra, fazer gente outra vez, gente boa, sábia, de *Wanadi*. Quando o novo *Wanadi* chegou, amanheceu outra vez e os homens antigos se alegraram. Estes saíram de suas covas um por um para olhar o sol, o dia novo (FERREIRA, 2011c, p. 34-35).

Mesmo a terra estando nas mãos de *Odosha*, *Ättäwanadi* conseguiu fazer que vivesse nela gente de *Wanadi*. Conseguiu resgatar parte da Terra perdida para *Odosha*, porque “não se pode viver sem uma abertura para o transcendente” (ELIADE, 2001a, p. 36). De certo modo, uniu o Céu e a Terra outra vez. Desde então na Terra coabitam essas duas populações: *wanadi’como* e *odosha’como*.

Wanadi’como significa gente de *Wanadi*, são os mesmos *Ye’kuana* e as pessoas que eles classificam como boas. *Odosha’como* significa gente de *Odosha*. Para os *Ye’kuana* além de *Odosha* e sua gente existem outros inimigos invisíveis que fazem da terra um ambiente hostil. A seguir vamos ver como esse povo vive entre esses seres invisíveis e inimigos ao mesmo tempo.

2.1) Os inimigos invisíveis

Os odosha'como

Os *odosha'como* são gente como os mesmos Ye'kuana só que são invisíveis e somente os xamãs os podem ver e enfrentá-los de frente. São seus inimigos assim como *Odosha* foi de *Wanadi*. São também gente de *Odosha* as pessoas que são classificadas por eles como más. Por causa de *Odosha* adoecem, morrem.

Esses inimigos muitas vezes colocam veneno na comida para matá-los. Por isso, quando caminham na selva e encontram árvores carregadas de frutas, aquelas que estão no chão se houver nelas algum sinal que foi comida, eles não as comem porque certamente está envenenada por *Odosha*.

Também enfrentam o perigo de serem transformados em *odosha'como*. Estes que estão sempre atentos às suas ações, para logo desfazê-las. Mas a sabedoria Ye'kuana tem os seus truques para enfrentar as astúcias de *Odosha*.

Quando se reúnem para um evento que consideram importante, um ancião canta *odosha'como* que é um canto sagrado para expulsar *Odosha* e sua gente, porque eles ficam na porta buscando um modo para estragar o que estão fazendo.

Os Máwari

Além dos *odosha'como* existem os *Máwari*, outra população que pertence ao mundo invisível e que se fez dona do espaço aquático, enquanto *odosha'como* é do terrestre. A vida dos Ye'kuana é uma constante luta para vencer as maldades desses inimigos invisíveis, como veremos no exemplo a seguir.

Uma criança de dois anos estava doente. Um dia de manhã fui visitá-la. A bisavó, anciã da aldeia que é minha amiga, me relatou o que aconteceu de noite: Esta noite veio aqui *Kadejō* (xamã), fumou tabaco e depois se posicionou na direção do caminho do rio. Gesticulando com a mão chamava o menino: *a'kade*, *a'kade* quer dizer venha, o menino veio e deitou na rede. Agora ele está aqui outra vez. *Kadejō* o trouxe de volta.

Segundo o relato da anciã e outros casos parecidos entendi que na visão Ye'kuana o corpo humano funciona como uma veste e dentro dele está a pessoa. A pessoa pode sair do seu corpo e entrar nele outra vez. Só o xamã a pode trazer de volta. Aqui está o perigo para os Ye'kuana. Os *Máwari* estão sempre buscando levar para o mundo deles um Ye'kuana, que, quando está com eles, não percebe que está entre os *Máwari*. Podem levá-los também através do sonho ou quando estão sozinhos. Quando o indivíduo volta para o seu corpo se encontra outra vez no mundo visível e aí pode contar como foi sua experiência no mundo dos *Máwari*.

Todos os Ye'kuana têm medo de ser levado por um *Máwari* e existem vários modos e meios de evitar que um *Máwari* capture um Ye'kuana. Como estar sempre na companhia de alguém, se pintar com *onoto* rezado, andar com um facão na mão, fumar tabaco, andar com

um cigarro atrás da orelha e existe também rito pessoal. Também banhar-se, com um tipo de erva evita ser capturado pelos *Máwari*.

Os *Máwari* só podem ser vistos pelos Ye'kuana em forma de animais que lhes aparecem, o mais comum é a cobra sucuri que é a chefe de todos os *Máwari*, podem ser vistos também como vulto de pessoas que aparece e desaparece repentinamente. A pessoa que vê isso geralmente adocece e pode até morrer.

Os donos da criação

Além dos *odosha'como* e dos *Máwari* existem os donos dos animais, das árvores, das montanhas, dos minerais, etc. E estes não são totalmente inimigos, tornam-se inimigos quando são contrariados pelos próprios Ye'kuana como também por outros povos.

Canaima

Existe um inimigo externo que é muito temido pelos Ye'kuana chamado *Canaima*. É um espírito maligno que pertence ao mundo do povo Pemón, que no Brasil são os Macuxi. Os Ye'kuana acreditam que os Pemón podem enviar esse espírito maligno para destruí-los. Pensam-no como um monstro que estrangula as pessoas. Por isso, quando alguém morre e aparecem manchas roxas no corpo, eles atribuem a *Canaima* a morte de tal pessoa.

Um *Canaima* pode entrar no espaço Ye'kuana através de objetos feitos pelos Pemón. Por isso, a relação com esse povo é carregada de desconfiança. Existe um caso de uma jovem casada com um *Pemón*, ela é considerada uma pessoa morta por causa do perigo que representa, não só para seus familiares, mas também para a comunidade e outras aldeias vizinhas.

Para os Ye'kuana mesmo que *Ättäwanadi* tenha conseguido criar na Terra, ela continua nas mãos de *Odosha* e eles vivem entre seres hostis. Porém cada *Ättä* e cada *A'daja* é o espaço que “reatualiza” (ELIADE, 2001a, p. 73) o tempo em que não havia separação entre o Céu e a Terra. Isto é, quando não existia *Odosha*, *Máwari* e *Canaima*. Portanto, essas duas representações são vitais para o povo Ye'kuana. A seguir veremos a relação que existe entre *Ättä* e *Cajuña* como também o seu significado para esse povo.

3) A Ättä, o Céu na Terra

Ättä, a casa tradicional Ye'kuana, antigamente tinha espaço para abrigar “60, 80, 100 ou mais pessoas” (BARANDIARÁN, 1979a, p. 950). Com o contato dos Ye'kuana com a cultura ocidental, a *Ättä* entrou num processo de transformação e foi “reconfigurada” (FERREIRA, 2011d, p. 60-64), como resultado perdeu a função de moradia. Está construída

no centro da aldeia como uma reprodução de *Cajuña* e do universo. Tem a mesma forma circular da aldeia e da roça.

ÄTTÄ, casa comunitária

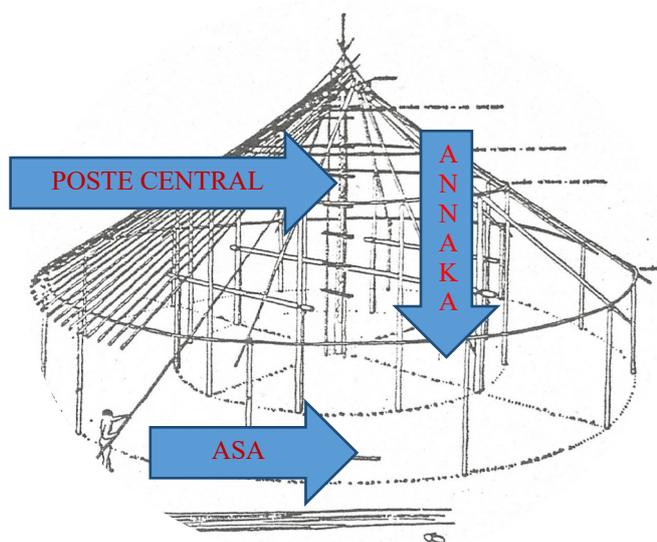


Figura 1 (BARANDIARÁN, 1979b, p. 919).

Foi o enviado do Outro *Wanadi* quem revelou aos Ye'kuana a estrutura da *Ättä*, construindo a primeira em *Kushamakadi*. “Quando *Wanadi* voltou construiu a sua casa em *Wana'jödö*, uma serra do rio Kuntinama. Foi a primeira casa. Ensinou os homens a fazer suas casas, não mais como animais, mas como gente. Fez muitas casas, fez povoados. Por isso, é chamado *Ättäwanadi*” (CIVRIEUX, 1992b, p. 50)³

Atualmente a *Ättä* é vista em forma de uma montanha. Em sua própria casa *Wanadi* desceu o céu; desse modo tornou possível a vida dos *Soto* (pessoa) na terra. Pois como já foi referido, a Terra está em mãos de *Odosha*. Cada um dos componentes que forma a arquitetura da *Ättä* representa e leva o nome de uma parte da paisagem de *Cajuña* (GUSS, 1990a, p. 41-43). Com a construção da primeira *Ättä* foi realizado o desejo do Outro *Wanadi* de trazer *Cajuña* para a terra.

Ättä consta de duas partes bem definidas. Um círculo interior conhecido como *annaka*, que representa o círculo interior do Céu ou quarto céu com o “lago *Akuena*”. Esse

³“Cuando volvió Wanadi, construyó su casa en *Wana'jödö*, un cerro del río Kuntinama. Fue la primera casa. Enseñó a los hombres a hacer sus casas, no más como animales, sino como la gente. Hizo muchas casas, hizo pueblos. Por eso, lo llaman *Ättäwanadi*” (tradução da autora).

espaço celeste é muito importante no imaginário Ye'kuana, pois está povoado por muitos xamãs.

O Lago *Akuena* é criação do Ser Supremo *Wanadi*, sua água é azul e restauradora. Nesse lago divino vivem os animais que ajudaram a *Wanadi* no tempo da criação: o boto, o peixe elétrico e a grande borboleta celeste de cor azul que se chama *Maheewa*. É ela que vigia os barrancos desse lago para que nenhum intrometido possa banhar-se nesse lago.

Na beira do *Akuena* estão duas plantas sagradas: o *kaaji* azul que dá ao xamã poder para lutar contra as forças destruidoras da vida; o *ayuuku* vermelho que dá ao xamã luz interior e o poder de ver longe, a estrutura das coisas e dos seres humanos. É a esse espaço que os xamãs vão durante as sessões xamânicas com a finalidade de buscar a cura para os doentes. Contém águas restauradoras, de onde os xamãs trazem a cura para os doentes (BARANDIARÁN, 1962, p. 63).

No centro de *annaka* se situa o poste central, o *ñunudo*, derivado da palavra *yanudu* (“umbigo”), que atravessa o teto. É símbolo do primeiro poste central que unia a terra ao céu, por meio do qual *kuchui* (“mico-leão”) subiu para roubar um ramo de mandioca a fim de plantar na terra. Hoje esse poste é visto sob a forma da montanha *Kushamakadi*. É símbolo também de *Marawaka*, a grande árvore que surgiu da rama plantada por *kuchui* ao pé de *Kushamakadi*, a qual deu todos os tipos de alimentos que se comem no Amazonas; hoje é vista em forma de uma montanha (BARANDIARÁN, 1979c, p. 938-939). É ao pé do poste central de *annaka* que se realizam as cerimônias xamanísticas e outros ritos que não dependem do xamã. É pelo poste central que o Xamã chega a *Cajuña* quando levanta voos durante os rituais de cura.

O “V” que aparece na ponta do poste central pelo lado de fora, segundo Barandiarán, antigamente era vista a figura de um pica-pau conhecido como *Wanadi toonodo* (pássaro *Wanadi*), esculpido em madeira (BARANDIARÁN, 1979c, p.939). Aqui é importante sublinhar a importância do pica-pau para os Ye'kuana. *Ättäwanadi* muitas vezes se transformava em animais e aves para enfrentar as perseguições de seu opositor *Odosha* e assim concretizar sua tarefa de criar na terra. Uma das aves na qual *Wanadi* se transformava era o pica-pau. Esse pássaro faz os Ye'kuana recordar o tempo que *Ättäwanadi* esteve na terra.

O círculo exterior da *annaka*, conhecido como *asa* e que corresponde às seis casas de *Kajuña* situadas ao redor do *Akuena* (GUSS, 1990a, p. 42), onde moram os diferentes seres espirituais donos ou guardiões dos animais, dos pássaros, dos peixes, das árvores e dos

minerais. Isso significa que tudo que existe na terra é gente e tem o seu correspondente em *Cajuña*, os que vemos aqui são a forma daqueles que vivem lá.

Também o teto cônico se divide em dois círculos. O círculo superior tecido com uma palma chamada *waju*, bastante resistente, corresponde ao lago *Akuena*, que se encontra no centro do céu. O círculo inferior tecido com uma palma chamada *maajiyadi* menos resistente que a primeira é símbolo das seis casas de *Cajuña*.

Como já foi dito, a *Ättä* é um espaço vital para o povo Ye'kuana. É impossível imaginá-los sem que espontaneamente surja a imagem da *Ättä*, é nela que se realizam todos os tipos de reuniões, as refeições comunitárias, os ritos, as festas e se acolhe os visitantes de outras aldeias, de outras etnias e não indígenas.

Em uma conversa informal com uma amiga Ye'kuana ela expressou o significado da *Ättä* para o seu povo: “A aldeia sem a *Ättä* não tem vida. Na semana passada um grupo de homens discutiram no porto. O dia seguinte o cacique os chamou para comerem juntos na *Ättä*, todos saíram da *Ättä* como se não tivesse acontecido nada”. A seguir veremos a *A'daja*, o segundo espaço vital do povo Ye'kuana e sua relação com *Cajuña*.

3.1) A *A'daja*, o Céu na Terra

A *A'daja* (roça) daqui da Terra também tem sua origem em *Cajuña*. Naquele tempo quando o povo antigo ainda comia terra, o mico leão foi à *Cajuña* e trouxe um ramo de mandioca da roça *cajuñana*, ou seja, da roça celeste. Esse ramo foi plantado e nasceu uma árvore altíssima com as raízes pregadas no Céu, era uma árvore ao revés e tinha toda espécie de comida que se come no Estado do Amazonas venezuelano. Essa árvore foi chamada *Marawaca* e hoje a vemos em forma de uma montanha. Da aventura de derrubar essa grande árvore se originou a primeira roça aqui na terra.

O chefe dos pássaros se chama *Semenia*. Era sábio; nos ensinou a cultivar a terra. O povo antigo não sabia. Só sabia recolher frutas silvestres, como macacos. Quando *Semenia* chegou, lhes ensinou a cortar as árvores para fazer roças. Quando cortaram a árvore *Marawaca*, fertilizaram a terra. *Semenia* lhes ensinou a trabalhar para conseguir a comida (CIVRIEUX, 1992c, p. 183)⁴.

A *A'daja*, fonte de vida do povo Ye'kuana, tem a mesma forma circular da *Ättä* e da aldeia. Assim como a *Ättä* tem o seu processo de construção também ela tem o seu. Existe uma variedade de rituais durante a construção da *Ättä*, igualmente se realizam diferentes

⁴ “El jefe de los pájaros se llama *Semenia*. Era sabio; nos enseñó los cultivos. La gente antigua no sabía. Sólo sabían recoger frutas silvestres, como los monos. Cuando llegó *Semenia* les enseñó a tumar árboles para hacer conuco. Cuando cortaron el árbol *Marawaka*, fertilizaron la Tierra. *Semenia* les enseñó a trabajar para conseguir su comida” (tradução da autora).

rituais no processo de elaboração da *A'daja*. As etapas da construção da *A'daja* são as seguintes:

Depois que cada família escolheu o lugar onde vai fazer a sua nova *A'daja*, em mutirão limpam o terreno debaixo das árvores que vão ser derrubadas. Durante o trabalho, de vez em quando, uma pessoa já aí estabelecida toca o tambor. Isso é para chamar o povo pássaro (seres celestes) para vir ajudá-los. Assim como vieram para ajudar a derrubar a grande árvore da vida, *Marawaca*.

Em seguida, vem a etapa chamada “derrubada”. Também aqui tudo é feito em mutirão. No primeiro dia de madrugada se realiza um ritual de proteção. Os anciãos cantam o canto sagrado sobre os machados. Logo os pintam com *wishu*, uma mistura de urucum com uma resina também rezados. Os homens são pintados principalmente no centro da cabeça, nas mãos e no peito; também as mulheres são pintadas porque vão passar debaixo das árvores enquanto os homens estiverem trabalhando para dar-lhes a bebida tradicional chamada *yaraque*.

Realiza-se esse ritual para proteger os trabalhadores que cortam as árvores para evitar que caiam na cabeça deles. Acredita-se que as árvores são seres vivos como os humanos, têm o seu dono e esse pode se enfurecer e vingar a morte das árvores que foram cortadas, fazendo que uma delas tombe na cabeça de alguém.

Durante os trabalhos de derrubada, com frequência toca-se o tambor e as flautas feitas de bambu a fim de chamar os homens pássaros (seres celestes) para vir ajudá-los a derrubar as árvores, como ajudaram a derrubar a primeira roça que hoje a vemos em forma da grande montanha chamada *Marawaca*.

Terminada a derrubada realiza-se o Rito *Toki Edemi'jödö*, para aplacar os espíritos das árvores que foram derrubadas. A realização desse rito dura três dias. Depois que as árvores derrubadas secam cada família queima a sua própria roça. Também para queimar as roças fazem orações invocando o dono do fogo para que venha ajudar no trabalho.

Depois de todo esse processo a *A'daja* já não é mais terra de *Odosha*, é *cajuñana*, ou seja, espaço celeste. Está pronta para reproduzir todas as espécies de plantações que existem em *Cajuña*, para logo alimentar o povo Ye'kuana. Depois da queimada espera-se as primeiras chuvas para lançar as sementes no ventre da *A'daja*, como vemos no desenho a seguir.

A'daja, pronta para receber as sementes.



Desenho de Leidy Colina, Ye'kuana do Alto Ventuari.

As primeiras plantas que são quatro ramos de mandioca são fincados na terra com o seguinte ritual: De manhã todos seguem o caminho da *A'daja*. O ancião encarregado de dirigir o ritual vai à frente cantando o canto sagrado. Quando entra na *A'daja* sopra nas quatro direções: norte, sul, leste e oeste. Logo, senta-se no centro da *A'daja* e canta o canto sagrado que consiste em chamar a divindade dona da mandioca para que venha. Abençoa os ramos que vão ser plantados. Sopra sobre o pau que vai ser usado para fazer os buracos onde serão colocados os ramos. Em seguida, as anciãs, antes de plantar os quatro ramos, exorta-os a entrar na terra como tatu que a perfura com suas unhas e como outros animais que entram por baixo de pedras e paus.

A manutenção da *A'daja* está sob a responsabilidade das mulheres, é onde elas todos os dias acompanhadas por filhas, netas, etc., passam a maior parte do tempo. Muitas dizem que para elas é como se fosse a segunda casa. É também espaço de identificação étnica, pois o desgaste físico pelo duro trabalho de manter a *A'daja* é acompanhado pelo orgulho de ser mulher Ye'kuana.

4) Considerações finais

Para os Ye'kuana um dos grandes desafios que enfrentam é viver na terra que está nas mãos de *odosha*, o mesmo desafio que enfrentou *Ättawanadi*. Assim como tudo o que existe na terra tem sua origem em *Cajuña*, eles também têm suas raízes em *Cajuña*. Podem perder a conexão com o Céu e se conectar outra vez.

A missão de reconquistar a terra como espaço celeste iniciado por *Ättawanadi* faz parte da vida do povo Ye'kuana e é visibilizada nas construções das *Ättä* e das *A'daja*. Em outras palavras, quando constroem *Ättä* e *A'daja* estão conectando a Terra com o Céu como no princípio, isto é quando não havia separação entre ambos. O espaço da *Ättä* e da *A'daja* é o Céu. Para um Ye'kuana estar na *Ättä* e *A'daja* significa estar no Útero de *Wanadi* para ser “regenerado” (ELIADE, 2001b, p. 72).

Referências bibliográficas:

BARANDIARÁN, Daniel de. *Introducción a la Cosmovisión de los Indios Ye'kuana-Maquiritare*. Revista Montalbán, Caracas, n. 9, p. 737-1004, 1979.

BARANDIARÁN, Daniel de. *Shamanismo Ye'kuana o Maquiritare*. Revista Antropológica. Caracas, n. 11, p. 61-90. Sociedad de Ciencias Naturales La Salle, 31 de agosto 1962.

CIVRIEUX, Marc de. *Watunna; un ciclo de creación en el Orinoco*. 2. ed. Caracas: Monte Ávila Editores, 1992.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERREIRA, Eleusa Socorro C. *Sichukä Jiakädö (Nenê, vem tomar banho). Uma análise de um rito de proteção Ye'kuana e da tentativa de apropriação no ritual do Batismo Católico*. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, PUC-SP, 2011.

GUSS, David. *Tejer y Cantar*. Caracas: Monte Ávila Editores, 1990.